

DIREITOS HUMANOS

No dia 10 de Dezembro de 2010, ocorreu o 62º. Aniversário da moderna “Declaração Universal dos Direitos do Homem” a qual assenta sobre a base de outras “Declarações” que, desde há séculos, têm abanado as estruturas sociais na procura da dignificação do Homem.

Já em tempos remotos os profetas denunciavam o desrespeito pelos direitos humanos. Quando o povo de Israel era nómada, não havia diferença entre ricos e pobres; os bens eram de família e todos desfrutavam da mesma condição social.

Ao instalarem-se em Canaã e ao converterem-se em povo de agricultores, produziu-se uma profunda transformação com o aparecimento de várias camadas sociais, entre as quais os grandes comerciantes, os proprietários rurais, os assalariados e os pobres convertidos em mão-de-obra barata e explorada.

Esta situação deu origem à denúncia que os profetas fizeram, pelo facto de existir prosperidade para uns poucos, a riqueza estar mal distribuída e, muitas vezes, ter sido adquirida injustamente.

As teses que têm procurado defender o ser humano, têm a sua incidência histórica mais relevante a partir do século XVII, no momento em que o liberalismo encetou os primeiros passos de oposição ao Estado autoritário, pedindo para o indivíduo comum as regras jurídicas a que a própria autoridade estivesse sujeita.

Em 4 de Julho de 1776, foi lançada, em Filadélfia, a “Declaração de Independência”, precedida de um preâmbulo filosófico de defesa dos direitos do homem, onde se lê: “Todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais, o direito à vida, à liberdade e à procura de felicidade” que esteve na génese da Revolução Americana.

Treze anos mais tarde, a Revolução Francesa, através da Assembleia Constituinte de 26 de Agosto de 1789, produziu a Carta Magna “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”.

No nosso tempo, a 10 de Dezembro de 1948, em Paris, reuniu a Assembleia Geral das Nações Unidas, promulgando a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, que se mantém em vigor.

Esta Declaração – apesar de todos os atropelos que continuam a existir, mesmo por muitos dos países subscritores – é apenas uma Carta de intenção que tem servido para outras “Declarações” posteriores.

Apesar desta luta constante, através dos tempos, pelos direitos humanos, todos os dias os vemos violados, quer pelos países mais ricos, quer pelos mais pobres, com acentuada predominância na exclusão social, no grave problema dos refugiados, perante a intolerância de alguns governantes, com violação do direito fundamental às liberdades de opinião política e religiosa. Estas violações estão na origem da deslocação de massas humanas em fuga para países de acolhimento, ficando a viver em acampamentos em situações infra-humanas, onde lhes falta o essencial para a sua sobrevivência.

Hoje ninguém pode ignorar que, em continentes inteiros, são inumeráveis os homens e mulheres torturados pela fome e as crianças subalimentadas. Grande parte delas morre em tenra idade e o seu crescimento físico e o desenvolvimento mental de muitas outras afectará, por certo, o seu futuro.

O saudoso Papa João Paulo II, que agora vai ser beatificado, estabeleceu na “Redemptor Hominis” que:

- “Os direitos humanos devem ser o princípio que impulsiona e orienta o esforço da humanidade em favor do bem do homem;
- Os direitos humanos, como factor fundamental do bem comum, devem ser critério que inspire a concepção e o desenvolvimento dos programas e o fundamento em que assentam todos os sistemas e regimes;
- O Estado, como comunidade política, deve possibilitar que, no exercício do poder, se dê uma participação moral da sociedade ou do povo e não uma imposição do poder na vida pública. O bem comum, portanto, só se realiza plenamente quando todos os cidadãos estão seguros dos seus direitos;
- O respeito pelos direitos humanos é um dos aspectos mais importantes da justiça social e torna-se critério de verificação fundamental na vida dos organismos políticos”.

Reflectindo neste texto da “Redemptor Hominis” ocorre-me perguntar: Para quando a concretização destes Direitos? 

O AMOR PARA ALÉM DA JUSTIÇA

O amor supera a justiça dos homens, disse o Papa no Angelus de Domingo 13 de Fevereiro, na praça de São Pedro, recordando também as quatro crianças Rom mortas em Roma.

Estimados irmãos e irmãs

Na Liturgia deste Domingo continua a leitura do chamado «Sermão da montanha» de Jesus, que ocupa os capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus. Depois das «Bem-aventuranças», que são o seu programa de vida, Jesus proclama a nova Lei, a sua *Tora*, como lhe chamam os nossos irmãos judeus. Com efeito, com a sua vinda o Messias devia trazer também a revelação definitiva da Lei, e é precisamente isto que Jesus declara: «Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para os abolir, mas sim para os levar à perfeição». E, dirigindo-se aos seus discípulos, acrescenta: «Se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus» (Mt 5, 17.20). Em que consiste esta «plenitude» da Lei de Cristo, esta justiça «superior» que Ele exige?

Jesus explica-o mediante uma série de antíteses entre os mandamentos antigos e o seu modo de os repropor. Cada vez começa: «Ouvistes o que foi dito aos antigos...», e então

afirma: «Mas Eu vos digo...». Por exemplo: «Ouvistes o que foi dito aos antigos: “Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal”. Mas Eu vos digo: “todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes”» (Mt 5, 21-22). E assim por seis vezes. Este modo de falar causava grande impressão no povo, que permanecia assustado, porque aquele «Eu vos digo» equivalia a reivindicar para si a mesma autoridade de Deus, fonte da Lei. A novidade de Jesus consiste, essencialmente, no facto de que Ele mesmo «completa» os mandamentos com o amor de Deus, com a força do Espírito Santo que habita nele. E nós, através da fé em Cristo, podemos abrir-nos à obra do Espírito Santo, que nos torna capazes de viver o amor divino. Por isso, cada preceito se torna verdadeiro, como exigência de amor, e todos convergem num único mandamento: ama a Deus com todo o coração, e ao teu próximo como a ti mesmo. «A caridade é o pleno cumprimento da lei», escreve são Paulo (Rm 13, 10). Diante desta exigência,



por exemplo, o piedoso caso das quatro crianças Rom, mortas na semana passada na periferia desta cidade, na sua barraca queimada, impõe que nos perguntemos se uma sociedade mais solidária e fraterna, mais coerente no amor, ou seja, mais cristã, não teria podido evitar este trágico facto. E esta pergunta vale para muitos outros acontecimentos dolorosos, mais ou menos conhecidos, que se verificam diariamente nas nossas cidades e nos nossos povoados.

Caros amigos, talvez não seja ocasional, que a primeira grande pregação de Jesus se chame «Sermão da montanha»! Moisés subiu ao monte Sinai para receber a Lei de Deus e levá-la ao Povo eleito. Jesus é o Filho do próprio Deus que desceu do Céu para nos levar ao Céu, à altura de Deus, pelo caminho do amor. Aliás, Ele mesmo é este caminho: só devemos segui-lo, para cumprir a vontade de Deus e entrar no seu Reino, na vida eterna. Uma só criatura já chegou ao cimo da montanha: a Virgem Maria. Graças



à união com Jesus, a sua justiça foi perfeita: é por isso que a invocamos como *Speculum iustitiae*. Confiemo-nos a Ela, para que guie também os nossos passos na fidelidade à Lei de Cristo. ☕

Benedictus PP XVI

SER VICENTINO



Nos dias de hoje em que o “TER” se sobrepõe ao “SER” é difícil viver o espírito vicentino em plenitude.

Não devemos pôr de lado o “TER”, pois só vivendo com dignidade podemos agir como vicentinos. Temos de ter a consciência de que tudo o que temos não nos pertence, é uma dádiva de Deus e, portanto, temos que o partilhar. O vicentino no dia-a-dia vive esta realidade e passa do “TER” ao “SER”.

Ser comprometido – faz com o mais necessitado e com a sociedade um compromisso com durabilidade, com continuidade, não se é hoje vicentino para ajudar um caso pontual e amanhã já não é. O vicentino é sempre vicentino e está sempre disponível.

Ter o dom da gratuidade – ser um testemunho contra a força do dinheiro. Nas acções que desenvolve na visita domiciliária, põe ao serviço do pobre os seus conhecimentos, os seus talentos, para que possam servir de ajuda àqueles que deles necessitam.

Ser participativo – participar na vida da comunidade onde está inserido, seja ela a paróquia, o local de trabalho ou qualquer outra, dar testemunho da sua fé e da sua vivência como vicentino, participando assim na divulgação dos valores da SSVP.

Ser organizado – não devemos gastar as nossas energias em acções individuais porque, por vezes, atropelam-se umas às outras. O vicentino está em comunhão com a sua Conferência, esta com o seu Conselho de


Zona, este com o seu Conselho Central e este com o Conselho Nacional e todos formam uma equipa que converge para acções devidamente organizadas.

Ser caridoso – o vicentino vive a “Caridade – Amor” junto do mais pobre, seja este pobre de bens materiais, espirituais, solidão ou outros. O vicentino vê sempre naquele que sofre o rosto de Jesus Cristo ressuscitado. O vicentino vê no pobre um ser humano com toda a dignidade e com todos os direitos. O vicentino é carinhoso, afável e transmite alegria ao pobre.

Ser responsável – o vicentino é responsável nas suas atitudes, no seu modo de agir e estar. O vicentino actua, não descarta o problema. O vicentino com o seu espírito de responsabilidade só dá o assunto como terminado quando ele está resolvido. Nunca nenhum vicentino está satisfeito quando a pessoa não sai da situação em que o encontra para uma situação com dignidade.

Ser vicentino é isto e muito, muito mais, é ter o valor mais alto de ser HOMEM COMPROMETIDO.

Peçamos ao Espírito Santo que nos ilumine para prosseguirmos a nossa caminhada e alcançarmos o desejo do nosso fundador Frederico Ozanam.

“Eu desejaria abraçar o mundo inteiro numa rede de caridade” 

* *Presidente do Conselho Nacional*

REGRESSAR AO ESSENCIAL



A mensagem do Santo Padre Bento XVI dirigida a todos os cristãos para a Quaresma que se aproxima recorda o baptismo como sacramento que nos faz participantes da morte e ressurreição de Jesus. E o Papa acrescenta ainda que isso nos convida a uma “conversão sincera, iniciada e apoiada pela graça” e, depois, que este dom deve ser “reavivado sempre em cada um de nós”. Por isso, o Santo Padre não hesita em convidar todos a viverem o próximo tempo quaresmal como um percurso que, de modo semelhante ao caminho dos catecúmenos que se preparam para receber o baptismo, nos ajude a reavivar a nossa condição de baptizados.

Estatisticamente, Portugal é dos países onde a esmagadora maioria dos cristãos é baptizada. Apesar de terem aumentado, de um modo significativo, o número daqueles que são baptizados em idade adulta ou já no uso da razão, o facto é que – e devemos dar graças a Deus por isso – ser português significa ainda hoje para a grande parte da população, ser baptizado em criança. Isso significa também que, para a esmagadora maioria da população, a sua referência religiosa é Jesus Cristo, vivido na Igreja Católica.

Uma coisa, no entanto, são as estatísticas, a “pertença sociológica”, outra é a atitude de conversão que nos faz abandonar a vida do homem simplesmente natural para abraçar a vida que nos vem de Deus, a vida sobrenatural que, através do baptismo,

Ele a todos quer oferecer.

E a conversão – sabemos-lo por experiência – não é só um qualquer momento longínquo no passado em que, tocados pelo Espírito Santo, aceitámos viver seriamente a nossa condição de baptizados, participantes da morte e ressurreição de Jesus; a conversão, para além desse momento que temos mais ou menos gravado na nossa consciência e que marcou de um modo decisivo a nossa vida, é uma luta quotidiana em que nos procuramos configurar cada vez mais com Cristo. E o Santo Padre concretiza o significado desta configuração: “orientar com decisão a nossa existência segundo a vontade de Deus; libertar-nos “do nosso egoísmo, superando o instinto de domínio sobre os outros e abrindo-nos à caridade de Cristo”.

Uma vez mais, somos convidados a não dar como certeza adquirida o que é essencial. Esse, podemos dizer, é o constante convite do Papa aos baptizados: viver seriamente o que constitui o centro da fé, para que esta possa florescer em atitudes verdadeiras de vida cristã. Se quisermos, e dito de outro modo, deixarmos de ser simplesmente cristãos porque um dia a nossa família pediu que fôssemos baptizados, mas vivermos, quotidianamente, aquela que é a nossa condição essencial: participantes da vida eterna que Cristo nos oferece. ☺

In “Voz da Verdade”

IGREJA: ÍCONE DA TRINDADE

Numa linguagem teológica, diz-se que a origem da Igreja está no próprio mistério de Deus-Trindade. Numa linguagem histórica, menciona-se a história de Jesus de Nazaré como início da Igreja. Essas duas linguagens implicam-se mutuamente, porque Jesus de Nazaré é a presença humana do Deus eterno na nossa história.

A IGREJA E A TRINDADE

A Igreja tem a sua origem, o seu sentido e a sua meta no mistério de Deus-Trindade. Ela vem da Trindade, vive na Trindade e vai para a Trindade. Ela é na terra a imagem da Trindade celeste. A Igreja é o ícone da Trindade. A comunhão perfeita das três pessoas divinas é a semente, a raiz, o tronco, a seiva da comunhão da Igreja. Poderíamos dizer que as três pessoas divinas são os primeiros membros da Igreja, o cerne da comunhão eclesial.

Os três divinos são distintos entre si, numa distinção que não leva à divisão, mas sim à comunhão mais plena. Assim a Igreja é a comunhão, embora imperfeita, na diversidade de povos, línguas e nações, de carismas e dons, de vocações e ministérios. As três pessoas divinas comungam entre si o mesmo amor, a mesma liberdade e consciência, o mesmo poder e glória, numa comunhão que não anula as diferenças, que não reprime as distinções.

IGREJA: COMUNHÃO E DIVERSIDADE

Também a Igreja não é um caldeirão que tudo massifica numa geleiá geral, pondo todos numa mesma forma. É na diversidade que se encontra a beleza da Igreja. Diversidade na comunhão, comunhão na diversidade. Tal Trindade, tal Igreja. É claro, com as devidas diferenças. A comunhão trinitária é eterna e, por isso, plena e perfeita. A comunhão eclesial é humana e histórica e, por isso, imperfeita e peregrina.

A NOVA ALIANÇA

Historicamente falando, a Igreja tem a sua origem na revelação histórica desse Deus-Trindade. Desde que criou o mundo, Deus já quis a Igreja, previu a unidade de todos os seus filhos e filhas na comunhão com Cristo. É a Igreja na ordem da criação. Mas, como a aliança da criação com a humanidade foi rompida pelo pecado humano, Deus escolheu o povo de Israel, com quem fez uma aliança de presença e de palavra, de lei e de promessa. Temos aí a Igreja, sob a ordem da lei.

Mas é com Jesus Cristo que Deus-Pai estabelece a nova e eterna aliança com a humanidade. Como anunciador da Boa Notícia do amor do Pai aos pobres e do Reino de justiça para todos, ele reuniu ao seu redor um grupo de pessoas que nele acreditaram, seguindo-o em sua prática

de solidariedade com os marginalizados e de denúncia das idolatrias do dinheiro e do poder. Um grupo que pode ser apresentado em forma dinâmica de concentração e expansão: multidões, setenta e dois discípulos, doze apóstolos, três amigos íntimos, um líder.


Enquanto permanecia com seus discípulos e discípulas, Jesus os fortalecia na fé, ensinava-lhes como se opor à perversidade da religião legalista, corrigia-lhes pretensões de poderio e mando. Ao ser morto pelos donos do poder religioso, pelos doutores da Lei e pelos sacerdotes do Templo, Jesus deixou-os em estado de perplexidade: se ele foi morto pelos representantes de Deus, era verdade o que ele ensinava? A fuga e a volta para casa parecia, então, a melhor saída.

A NOVA IGREJA

Foi quando o próprio Jesus lhes apareceu ressuscitado, confirmando a sua missão messiânica, infundindo-lhes o seu Espírito, enviando-os a anunciar a todo o mundo o seu Evangelho, prometendo-lhes a sua



presença permanente entre eles e elas.

A Igreja nasce das duas mãos do Pai: de Jesus de Nazaré e do Espírito Santo, da cruz e do cenáculo, da Páscoa e de Pentecostes, do sangue derramado pelo coração aberto do Mestre e do fogo descido sobre a cabeça dos discípulos. 

** Padre diocesano em Florianópolis,
doutor em Teologia,
professor de Teologia e Coordenador
de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis*

REFLECTINDO:

1. Em que situações a nossa Igreja reflecte a comunhão trinitária?
2. Em que situações ela se afasta do mistério de Deus-Trindade?

TOTUS TUUS MARIA

Com a aproximação do dia 1 de Maio deste ano, data marcada para a beatificação do saudoso Papa João Paulo II, considero de relevo recordar passos da sua vida peregrina que ilustram bem a grandeza do seu pontificado.

Assim, venho republicar, do nosso Boletim, um texto da jornalista Aura Miguel, datado de Outubro de 1998, e outro da minha autoria que foi publicado em 2005 por altura da morte de João Paulo II:

«20 anos de Pontificado

UM PAPA A TEMPO INTEIRO

A 16 de Outubro de 1978, quando o nome de Karol Wojtyła foi anunciado, o mundo ficou boquiaberto. Pela primeira vez na história, a Igreja tinha um Papa polaco, um homem perseguido pelos regimes nazi e comunista, um lutador pelos direitos do homem e de Deus, um poeta e escritor, professor universitário e desportista inveterado que, antes de entrar na vida religiosa, foi também operário numa fábrica e actor de teatro. Um apaixonado por Cristo que escolheu “Totus tuus” como lema do seu pontificado, consagrando-se inteiramente à Virgem e com uma especial ligação a Nossa Senhora de Fátima. É o pontificado mais longo deste século. A riqueza destes 20 anos é imensa e, por isso, impossível de esgotar em qualquer artigo. O actual sucessor de Pedro publicou dezenas de encíclicas. e centenas de documentos, cartas e exortações apostólicas. Deu, várias vezes a vol-

ta ao mundo, com 84 viagens pastorais pelos cinco continentes e centenas de visitas dentro de Itália. Conseguiu “derrubar” o muro de Berlim e modificar os destinos das nações. Gosta de ser chamado o “Papa sinodal”, porque convocou sínodos sobre a vida da Igreja em todos os continentes. João Paulo II olha confiante para o ano 2000, data que assinala o facto mais determinante que o faz a ele ser Papa: “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós”.

É o testemunho incansável de um homem que, apesar das limitações físicas e de saúde, continua a comunicar a todos que Cristo, o Redentor do mundo, penetrou no mistério do homem para o salvar.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Da Polónia comunista aos extremos confins da Bolívia, da fria Escandinávia e do Pólo Norte à pujança de



África, do calor da América Latina à sabedoria das terras do Oriente ou à exuberância da Papua Nova Guiné... em todos os lugares do mundo onde palpita a Igreja de Cristo, João Paulo II quer chegar. Guia-o o desejo de ir ao encontro de cada homem, nas suas circunstâncias concretas e tantas vezes dramáticas com as suas inquietações e perguntas sobre porque é que vale a pena viver, lutar, sofrer e morrer. Perguntas sobre o significado último, que cada um de nós tem no seu coração e que nunca se extinguem, por muito que nos obstinemos a rejeitá-las ou a tentar silenciá-las e para as quais o Papa lembra a resposta: “Não tenham medo! Abri, escancarai as portas a Cristo! Ao seu poder salvador! (...) Não tenham medo! Cristo sabe o que está dentro do homem. Só Ele o sabe!”

Das 32 viagens pastorais já realizadas ao lado do Santo Padre o seguindo de perto as actividades da Santa Sé há mais de 12 anos, entre tantas impressões é difícil escolher o que contar. Penso na esmagadora multidão em Manila reunida para a Jornada Mundial da Juventude-95 (um

recorde nunca visto de mais de 4 milhões de pessoas), mas também nos encontros mais carinhosos, como aconteceu em Salvador da Baía (Outubro de 91) com os meninos da rua, ou mesmo íntimos como o da visita à prisão para se encontrar a sós com Ali Agca – o homem que o quis matar –, o que mais interessa ao Papa em todas as situações, é sempre o destino de cada pessoa. Uma vez, em Tarnow, durante a visita à Polónia, em Junho de 1987, perante uma multidão estimada em 2 milhões de pessoas, João Paulo II deteve-se longamente em frente do altar, antes de começar a missa. Os cânticos terminaram, fez-se silêncio mas o Papa continuou imóvel, olhando a multidão. À sua frente um mar de gente a perder de vista até à linha do horizonte. João Paulo II pediu um microfone e disse: “Como gostaria de olhar cada um de vocês nos olhos!” Quem já experimentou o seu olhar sabe que esse momento é inesquecível. Talvez por isso os momentos mais comoventes das viagens sejam os encontros com os que sofrem, com os doentes incuráveis, os estropiados de guerra, jovens deficientes, crianças cancerosas, os “feridos da vida”. Que outra personalidade mundial procuraria sucessivamente encontros destes? Quem tem coragem para levar uma real esperança a esta gente? É a paixão pelo destino de cada pessoa que o move e ao exprimir preferência pelos que sofrem, vê-se nele uma profundidade de amor, sinal de humanidade verdadeira a partir da sua experiência pessoal. Por isso o

sofrimento, vivido com sentido cristão, é para o Papa um tesouro de tal modo precioso que frequentemente confia aos doentes e aos que sofrem o seu próprio pontificado. Quando visitou o Hospital de Luanda, em Junho de 1992, João Paulo II deteve-se demoradamente à cabeceira de cada doente, muitos deles mutilados pela guerra, homens na força da idade, jovens e até crianças. A mais do que um doente eu pude ouvir o Santo Padre sussurrar... “rezemos um pelo outro” ou “rezemos juntos”.

LIGAÇÃO A FÁTIMA

A 13 de Maio de 1981, na Praça de São Pedro, o turco e atirador profissional Ali Agca disparou para o mar. Desde então, o Santo Padre tem afirmado repetidamente que a sua vida foi salva por milagre de Nossa Senhora. Quando visitou o Brasil em 1991, no dia 16 de Outubro, coincidindo com a festa da sua eleição pontifícia, os bispos brasileiros fizeram-lhe um brinde de homenagem pelo décimo terceiro ano de pontificado, mas João Paulo II, agradecendo, fez questão de os corrigir: “Não, não são 13 anos, mas sim 3, de pontificado e 10 anos de milagre!” Esta misteriosa ligação é uma constante do seu ministério. Em 1982, um ano após o atentado, deslocou-se pela primeira vez como peregrino a este santuário, num encontro inesquecível marcado pela comoção filial do Papa aos pés da Virgem. E, em 1984 a imagem da Virgem de Fátima foi levada expressamente ao Vaticano e colocada solenemente em cima

do altar da confissão, na Basílica de São Pedro. João Paulo II confiou-lhe, uma vez mais o seu pontificado e, no dia seguinte, a 25 de Março, festa da Encarnação, consagrou-lhe o mundo inteiro. Nove anos depois do atentado, em 1991, João Paulo II voltou à Cova da Iria como peregrino. E ainda agora, costuma confidenciar aos mais próximos que todos os dias vai espiritualmente a Fátima.

No decurso de uma Visita Ad Limina dos bispos portugueses, o Papa deu ao prelado de Leiria-Fátima a bala que tinha atravessado o seu corpo naquele dia milagroso, pedindo que a colocassem junto da imagem da Virgem. O projectil metálico, frio como a morte, está inserido no interior do topo da coroa de ouro e pedras preciosas que a Imagem da Virgem de Fátima usa apenas nos dias 13 de Maio e 13 de Outubro de cada ano.


A TEMPO INTEIRO

A intensidade com que João Paulo II vive cada instante do dia reflecte-se na sua agenda. Em Fevereiro de 1996, durante a visita pastoral à Venezuela, enquanto jornalista da Rádio Renascença, convidaram-me para passar um dia ao lado do Papa, integrando o seu séquito. Desde as 7.30 horas até às 22 horas não houve tréguas. O único momento de repouso que teve foi cerca de hora e meia após o almoço, de resto, nunca o vi descansar. De manhã cedo abriu a janela do quarto para corresponder calorosamente às serenatas que os jovens lhe cantavam na rua,

desceu as escadas da Nunciatura e antes de entrar no carro saudou sem pressa quem se aproximava, percorreu os 20 km que o separavam do aeroporto de Caracas, sempre acenando à População. Tomou o avião para Guanare e depois o helicóptero para Coromoto, onde inaugurou um santuário mariano com uma missa solene que durou cerca de 3 horas, sob um calor escaldante e húmido. Era visível o cansaço dos peregrinos no final da missa, mas João Paulo II continuou rodeado de gente, e nem por um momento deixou de saudar os que se aproximaram do seu caminho. À hora de maior calor, regressou a Caracas. Só almoçou às 15 horas. De tarde, participou numa sessão oficial de cumprimentos e fotografias com individualidades na Nunciatura (no dia anterior, numa sessão semelhante na Presidência da República, tinha cumprimentado de seguida 560 pessoas...) e depois deslocou-se ao Teatro de Caracas para um encontro com representantes do mundo da cultura, onde houve vários discursos e um concerto. À saída, ainda assinou um livro de honra e abençoou centenas de pessoas que o esperavam, já noite cerrada, pelas ruas. Quando, finalmente entrou em casa para jantar, ainda encontrou os rostos sorridentes dos criados de mesa que o iriam servir, perfilados para o saudar.

É isto que impressiona: João Paulo II sabe como cada instante poderá ser decisivo para a vida de cada um que se cruza no seu caminho, por isso vive plenamente a sua vocação de



Papa dando-se totalmente a cada momento. Muitos, preocupados com a sua saúde, pedem-lhe para abrandar o ritmo de trabalho. Basta recordar que João Paulo II com 78 anos sofreu já 5 operações e tem já confirmadas para os próximos meses viagens pastorais ao México, Estados Unidos e Polónia. Os que o aconselham a descansar, dizem que ele tem de se poupar porque a sua saúde já não é o que era. Mas o Santo Padre responde com firmeza: “A Igreja necessita de um Papa a tempo inteiro, não pode ser guiada em part-time”. Com a mesma paixão teria certamente respondido o Apóstolo Pedro. 

In “Voz da Verdade”

** Jornalista da Rádio Renascença»*

«JOÃO PAULO II “VEM BENDITO DE MEU PAI”

João Paulo II, Vigário de Jesus Cristo na terra, sucessor de Pedra, Pastor da Igreja Católica Apostólica Romana, Peregrino Universal, crence afirmado de Nossa Senhora de Fátima, «Totus tuus, Maria», partiu para junto de Deus.

Quem foi este HOMEM, que no dia 13 de Maio de 1981, em plena Praça de S. Pedro, em Roma, foi gravemente atingido pelas balas impiedosas duma arma manejada por outro homem ainda jovem, em cujo coração habitava o ódio e a violência?

Quem foi este HOMEM, que um ano após, a 13 de Maio de 1982, esteve no Santuário de Fátima, como peregrino, para agradecer à Santíssima Virgem o dom precioso da sua vida, que lhe foi conservada para o bem da humanidade?

No dia 7 de Março anterior, João Paulo II, depois de rezar o «Angelus», anunciou a sua peregrinação a Fátima nestes termos: “Depois de ter feito os exercícios espirituais na semana há pouco terminada, desejo dar-vos uma notícia confiando-a à vossa oração quaresmal; no próximo dia 13 de Maio, pretendo estar em Fátima a fim de agradecer à Virgem Santíssima, que me protegeu de maneira maternal na circunstância do atentado e, naturalmente também, para pedir todas as graças e todos os auxílios de Nossa Senhora para a Igreja e para a humanidade”.

Nascido na Polónia, em Wadowice, não longe de Cracóvia, a 18 de Maio de 1920, foi baptizado no dia 20 de Junho do mesmo ano e recebeu o nome de KAROL JOSEPH WOJTYLA, filho de Emília Kaczowska e Karol Wojtyla, funcionário da Intendência.

Em 3 de Maio de 1938, recebeu o Sacramento da Confirmação, tendo sido ordenado sacerdote no dia 1 de Novembro de 1946, com 26 anos de idade, não sem antes ter passado por múltiplas vicissitudes. Foi sagrado Bispo Auxiliar de Cracóvia, por escolha do Papa Pio XII, no dia 27 de Setembro de 1958, com 38 anos e, em 13 de Janeiro de 1964, foi nomeado pelo Papa Paulo VI para Arcebispo de Cracóvia. Três anos mais tarde, no Consistório de 26 de Junho de 1967, ascendeu ao cardinalato.

À morte inesperada de João Paulo I, o Conclave, reunido para eleição de novo Papa, escolheu para essa missão o Cardeal de Cracóvia, no dia 16 de Outubro de 1978, às 18 horas e 18 minutos, tendo sido investido nas altíssimas funções de Pastor da Igreja Universal no dia 22 de Outubro de 1978, sendo o primeiro Papa não italiano em 455 anos.

“NÃO TENHAIS MEDO DE ABRIR AS PORTAS A CRISTO” foi o repto logo anunciado na sua primeira homilia.

Ficou órfão de mãe ainda criança e o seu pai apenas sobreviveu dez anos à morte da mulher.

Entre os 12 e os 13 anos, o jovem Karol Wojtyła viu partir também o seu único irmão, Edmundo, dedicado à medicina e que era mais velho catorze anos.

Não foi fácil a infância deste HO-MEM sobre cujos ombros pesou a responsabilidade de conduzir a Igreja de Cristo.

João Paulo II, o Papa dos nossos tempos, foi aquele para quem peregrinar é uma necessidade, tendo ultrapassado as 100 viagens apostólicas, nas quais se incluem as três peregrinações ao Santuário de Fátima, na última das quais, 13 de Maio de 2000, procedeu à beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta; foi aquele que nos deu um exemplo vivo de saber perdoar, quando disse, em relação ao seu agressor, como primeiras palavras depois da sua operação: “Peço a Deus pelo irmão que me feriu, ao qual perdoei sinceramente”; foi aquele HOMEM de oração, alguém que viveu em união com Deus e rezou a Nossa Senhora de Fátima como filho agradecido.

Foi um Papa que acolheu e comunicou e com ele aprendemos a acolher, sendo notória a sua solidariedade no concreto da vida, com os jovens, com os trabalhadores, com as famílias, com os doentes e, sobretudo, com os socialmente mais pobres e marginalizados.

Não se pode deixar de registar na sua orientação pastoral, o sentido ecuménico, o diálogo inter-religio-

so, o combate pela justiça e a paz, a defesa da liberdade e dos direitos humanos, tendo como denominador comum a valorização da pessoa humana.

O Papa crescia pela dimensão da sua fraternidade perante as multidões galvanizadas que lhe estendiam os braços e às quais ele abria o coração: e como eram belas e estimulantes as palavras que dirigia aos jovens que tantas vezes o rodearam.

Nos últimos tempos, mesmo com o evidente precário estado de saúde que o afectava, sabia transmitir aos mais velhos uma esperança firme de que a vida, como dom divino, é preciso vivê-la até ao limite das forças e soube transmitir aos mais jovens o respeito que devem ter pelos mais idosos, como fonte à qual devem ir beber a sabedoria, a generosidade, a prudência, a lucidez, a sensatez e a solidariedade duma vida de saber e de experiência feita.


Tanto haveria a dizer sobre a riqueza do pensamento de João Paulo II, personalidade tão marcante, mesmo ímpar, na vida da Igreja e da História dos nossos tempos, uma mensagem tão valiosa e profunda, impossível de escrever em breves linhas.

Obrigado Santo Padre, por estes 27 anos de Pontificado, o 3º. mais longo na história da Igreja, pela força que soube testemunhar aos católicos e não católicos, pelo dom da Paz de que foi acérrimo defensor e pela sabedoria que nos legou, como se deve saber viver, envelhecer, sofrer e morrer.



Nesta hora, em que a Igreja perdeu um dos seus mais fiéis e devotos servidores e o mundo um grande defensor da paz e da fraternidade entre os homens, curvamo-nos reverentes perante este GIGANTE do catolicis-

mo, perante o HOMEM INSIGNE da história da humanidade.

Sua Santidade João Paulo II, entrou na eternidade para a Glória de Deus, no dia 2 de Abril, pela 21 horas e 37 minutos – hora de Roma. » 

CERIMÓNIA DE BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II




Desenvolver-se-á em cinco momentos a beatificação de João Paulo II, que terá lugar a 1 de Maio próximo. O anúncio foi feito por um comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, informando que a cerimónia será precedida de uma vigília de oração na noite de sábado 30 de Abril – das 21h.00 às 23h.30 – no Circo Máximo. Organizada pela diocese de Roma, será guiada pelo Vigário-geral de Sua Santidade, o cardeal Agostino

Vallini. Bento XVI unir-se-á espiritualmente através de uma ligação vídeo.

No dia seguinte terá lugar a celebração da beatificação presidida pelo Papa, com início às 10h.00 na praça de São Pedro. Não estão previstos bilhetes; contudo o acesso à praça e áreas adjacentes será tutelado pela Segurança Pública. A veneração dos despojos do novo beato será possível no mesmo dia, 1 de Maio, logo após a cerimónia de beatificação, e prosseguirá enquanto houver afluência de fiéis. Os despojos serão expostos na basílica de São Pedro, diante do Altar da Confissão.

Na segunda-feira, a missa de acção de graças será presidida pelo cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado, às 10h.00, na praça de São Pedro.

A tumulação dos despojos do novo beato na basílica Vaticana, junto da capela de São Sebastião, terá lugar de forma privada.

Os pormenores dos vários momentos serão dados a conhecer sucessivamente pelos órgãos competentes. 

S. JOSÉ – O PROTECTOR DAS FAMÍLIAS

O mês de Março é, de modo particular, dedicado a S. José, pois celebra-se a sua festa no dia 19 de Março.



Neste dia, a sociedade recorda de modo particular os pais; os filhos procuram ter gestos de carinho e de ternura para com os seus pais. Mas não basta ficarmos na mera lembrança da figura do pai ou na mera compra de um presente. É necessário que olhemos para a figura de S. José, modelo de esposo e de pai e para as nossas famílias.

A Igreja chama a S. José o ornamento da vida doméstica. São fe-

lizos os lares cujo chefe de família ocupa o lugar que Deus quer que ele ocupe, como esposo e como pai, como principal responsável do lar e como primeiro exemplo de piedade, no cumprimento dos deveres religiosos para com Deus. No lar de Nazaré, havia esta harmonia. Jesus e Maria eram obedientes e rodeavam de todo o carinho a S. José, que era o principal responsável do lar.


Felizes os filhos, felizes as esposas, que têm verdadeiros motivos para agradecer a Deus o dom de um autêntico chefe de família cristão. Felizes aqueles que, como Santa Teresinha, podem dizer: “Bastava olhar para meu pai a rezar, para saber como rezam os Santos. Deus concedeu-me pais, mais dignos do Céu que da Terra.” Mas os pais de Santa Teresinha tomaram como padroeiro e modelo a S. José.

Todos os filhos eram precedidos, antes de nascer, de uma novena ao grande Santo, e os dois meninos – que tiveram e voaram para o Céu em tenra idade – todos foram baptizados com o nome de José. Nada naquela casa se fazia sem invocar

S. José, o modelo e protector das famílias. Reparemos no seguinte exemplo:

Um missionário conta que começou a fazer uma lista com o nome dos pais que queriam pôr os seus filhos debaixo da protecção de S. José. Em todas as quartas-feiras de cada mês, se rezaria diante da imagem do Santo Patriarca uma oração por todos os filhos que os pais tinham entregado à sua protecção. Havia um jovem que, depois de ter dado muitos desgostos a seus pais, maltratando-os, os abandonou por fim, para viver à vontade encharcado nos vícios. A mãe, aflita, foi ter com um padre missionário do mesmo convento, onde vivia o sacerdote que começara esta lista, e

pediu-lhe que pusesse, na caixa de S. José, o nome do seu filho para que especialmente a ele fosse recomendado nas orações da próxima Quarta-feira, dia semanal que a Igreja consagra ao Chefe da Sagrada Família.

Assim se fez, rezando-se um Pai-Nosso na intenção de que aquele filho pródigo regressasse à casa paterna. Oh maravilha da graça! Logo no dia seguinte apareceu a mãe cheia de alegria com um maço de velas para acender no altar do Santo. O filho, não só regressou, como cheio de humildade encetou uma vida nova, em conformidade com os princípios cristãos, tornando-se também carinhoso e terno para com os seus pais. 



AO ENCONTRO DA PRIMAVERA DO RESSUSCITADO

Pai Santo ajuda-nos a lutar contra:

- o individualismo,
 - a xenofobia,
 - o ser marcados pelo lucro e pelo sucesso fácil,
 - a ganância do poder,
 - a exploração do pobre;
- queremos que o *caminho da Quaresma* seja marcado:
- pela partilha com os outros,
 - pela defesa dos que mais precisam, do pobre e do excluído,
 - pelo apoio ao desenvolvimento de projectos que tenham em atenção “o homem todo e todos os homens”.

Espírito Santo dá força aos nossos passos pelos *caminhos que levam à Cruz de Cristo*:

- apontando-nos as vias que levam a uma real concretização de família universal,
- libertando-nos do egoísmo,
- abrindo-nos aos outros no atravessar das ruas do nosso bairro, da nossa comunidade,
- levando-nos à descoberta e ao encontro dos que necessitam de nós em termos materiais ou de companhia, porque estão sós, doentes física ou mentalmente.

Será esta a nossa vontade, o nosso *caminho de Missão* nesta Quaresma para que, seguindo a *estrela de Jesus Cristo*, Lhe ofereçamos as nossas pequenas conquistas e encontremos a **Primavera do Ressuscitado**. ☺

CONTRA A CRISE E A SOLIDÃO

Natural de uma aldeia do concelho de Penamacor (distrito de Castelo Branco), António Correia Saraiva é Presidente da Sociedade de S. Vicente de Paulo (SSVP) desde Abril de 2010. À Agência ECCLESIA, fala das dificuldades que a crise coloca e da resposta que os vicentinos oferecem, um pouco por todo o país.

Agência ECCLESIA (AE) – Qual a identidade específica do vicentino (membro da Sociedade de S. Vicente de Paulo)?

António Correia Saraiva (ACS) – Não existe uma identidade específica, mas boa vontade para ajudar o próximo. No entanto, um vicentino deve ter algumas características que o distinguem dos outros voluntários. O nosso lema é a visita domiciliária aos pobres e testemunhar a fé em obras.

É fundamental ter algum tempo, mas na nossa vida temos sempre tempo para tudo. Embora, algumas vezes digamos que não. Temos que estabelecer prioridades. É preferível estar duas horas no café ou ajudar um vizinho carenciado? É preferível fazer «coisas» em prol dos outros.

AE – Numa sociedade individualista como a actual, os vicentinos lutam contra a corrente?

ACS – As pessoas ligam mais ao

«ter» do que ao «ser», mas temos de nos consciencializar de um facto: quando as pessoas são sensibilizadas para essas realidades – existem muitos exemplos disso – elas ajudam. Começam a pensar no «ser» e colocam de lado o «ter».

AE – Evangelizam através da «ajuda» aos mais necessitados?

ACS – Quando estamos no terreno, notamos que o pobre tem necessidades materiais e espirituais. Muitas vezes, as necessidades materiais não são as maiores.

Se conseguirmos resolver as necessidades espirituais/psicológicas é meio caminho andado para o pobre se levantar e retomar a sua vida. Se colocarmos apenas géneros materiais, o pobre nunca mais se levanta. Entra naquele vício de – todos os meses ou semanas – lhe levarem a alimentação e o ajudarem a pagar as contas.

AE – Como chegam aos desprotegi-



dos? Informações da comunidade ou descoberta dos vicentinos?

ACS – A Sociedade de S. Vicente de Paulo trabalha integrada em paróquias. Todas as Conferências vicentinas têm uma ligação com a paróquia. O pároco e outros cristãos relatam-nos situações e, noutros casos, como estamos no terreno constatamos a existência de outros problemas.

AE – Qual a forma que utilizam para angariar as verbas e alimentos que distribuem? Têm ligações a empresas?

ACS – Temos poucas ligações com empresas. Essencialmente, os vicentinos vivem das dádivas das pessoas em cada paróquia. Como reunimos – por norma – todas as semanas para dialogar sobre os novos casos fazemos uma colecta para a Conferência. Quando fazemos ape-

los nas missas dominicais aparece de imediato o bem solicitado. Tanto pode ser um frigorífico como uma cama.

AE – Trabalham no silêncio e sem os holofotes da fama?

ACS – Sempre no silêncio... Aliás, o Evangelho diz: “Dar com a mão esquerda sem que a direita saiba”. Temos também outra regra: tudo o que se fala nas reuniões das Conferências fica ali dentro. Ninguém sabe cá fora se nós ajudamos A, B ou C. Não temos (vicentinos) de estar a expor as pessoas e as suas necessidades.

AE – Quando o emprego escasseia, o Fundo Social Solidário (FSS) é uma ajuda fulcral?

ACS – O FSS tem sido uma grande ajuda. Temos (juntamente com a Cáritas e a Comissão Justiça e Paz)

em todas as dioceses, uma comissão local de acompanhamento que analisa os casos e envia para a comissão central, em Lisboa.

AE – Qual a diocese que está a pedir mais apoios?

ACS – Nos primeiros meses, a diocese que pediu mais apoios foi a de Vila Real, mas existem bolsas de pobreza por todo o país. A zona metropolitana do Porto também está muito fragilizada.

AE – Já assistiu a casos arrepiantes?

ACS – Muitos, ainda na semana passada levámos (vicentinos) uma cama, mesa, cadeiras e roupa para uma família. É um casal jovem que comia com o prato na mão. Essas cinco pessoas tinham apenas dois copos e dormiam no chão. A casa estava despida completamente. Tinha literalmente zero.

AE – Esse foi um caso descoberto, mas existe também muita pobreza envergonhada?

ACS – Esse é o grande problema actual. Basta um elemento do casal perder o emprego e a estabilidade da família «vai-se». No entanto, apelamos às pessoas para se dirigirem à paróquia. Nós mantemos o anonimato dessas pessoas... Muitos casos que nos param nas mãos

já estão mesmo no fundo. Com os cortes sociais que o Governo implementou, as pessoas estão a entrar num beco sem saída.


AE – A publicidade também não ajuda.

ACS – A televisão dá-nos uma ideia de facilidade que não existe. A publicidade é enganosa e, do ponto de vista psicológico, as pessoas são fracas e cavam cada vez mais buracos. Ficam em situações verdadeiramente aflitivas.

AE – Apesar de vivermos numa sociedade global onde tudo comunica com tudo, a solidão é também um drama bem evidente.

ACS – Ninguém imagina o número de pessoas que vivem na solidão. É uma coisa terrível. Temos vicentinos que passam as horas que têm disponíveis a visitar pessoas só para falar com elas. Há pessoas que passam dias e dias sem falar com ninguém.

AE – O que fazer para alterar este panorama?

ACS – É fundamental que as instituições ligadas à Igreja dêem as mãos e denunciem estes casos junto das entidades oficiais. As pessoas estão nos gabinetes e não têm consciência do que se passa em muitos lares portugueses. 

In “Agência Ecclesia”

CUIDEMOS DOS NOSSOS IDOSOS

Nos últimos tempos, temos sido assolados pela comunicação social, com notícias tristes sobre a morte de idosos, tendo como causa principal, a solidão e o abandono.

Paradigmático, o caso da idosa de Rinchoa – Sintra, encontrada morta em sua própria casa desde há nove anos.

A brutalidade de tais notícias, coloca-nos diante de uma imensidade de perguntas, que tocam a dignidade da vida humana, principalmente, no seu ocaso.

Tantas virtualidades nos aproximam uns dos outros; nos tornam mais próximos e comunicativos – as redes sociais, por exemplo – e tão longe, parece, andarmos uns dos outros. Isto, passa-se nas cidades, nas aldeias e povoados, nos grupos humanos, nas famílias: é um sentido de solidão continuado.

Na semana de Pastoral Social de 2010, certo pastoralista, afirmou que as paróquias são lugares emblemáticos de encontro, e reconhecimento inter-pessoal, no afastamento desta mentalidade de indiferença e anonimato – que teima instalar-se entre nós.

É urgente incentivar e cuidar o trabalho em rede que privilegie o encontro e o reconhecimento. Uma acção que vá da celebração comunitária da fé ao seu testemunho, englobando nele os pobres, os sós, os ausentes, os «depenados», e os «envergonhados».

Padre Américo recordava: «Cada freguesia cuide dos seus pobres». Nunca como hoje esta memória tem plena actualidade e com desafios a que uma comunidade não pode ficar indiferente ou confinada às paredes da sua igreja ou da sua casa.

Ontem fomos celebrar ao Calvário de Beire com o nosso padre Baptista. Lá estava reunida aquela família que ali

encontrou aconchego e remédio para a pior das doenças, a solidão. Apreciamos que durante a celebração, apesar das deficiências e carências de muitos deles e delas, havia compostura, acompanhando, conforme as capacidades de cada um, a celebração. A maior parte destas pessoas vivem ali há longos anos. Também se pode dizer: «Estão no que é seu...»: Para onde iriam se ali não tivessem encontrado amigos que se tornaram irmãos; uma família? Possivelmente teriam já engrossado o número daqueles que morrem sós.

Quando por ali passamos salta-nos uma pergunta – tão activos, quase todos – os encontramos: «Está alguém doente?», resposta pronta: «Não!....».

Muito interessante esta reacção, nada encenada; sai espontânea e de forma natural. Verifica-se, com agrado que ali ninguém cede à doença. O Calvário foi e será sempre exorcismo da morte; o verdadeiro acesso à Ressurreição.

Não admira que alguém, «muito alto» e com grandes responsabilidades governativas no nosso país, há anos, positivamente estupefacto com o que acabara de observar ali discretamente, tenha oportunamente afirmado: «isto, (Calvário) precisa de ser estudado...».

Tinha razão. Agora, indiscutivelmente, que são conhecidos casos mediáticos, tão graves de abandono e solidão, que bem justifica o desabafo de Bento XVI:

«Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja partilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana».



In “O Gaiato”

A FAMÍLIA FUNDAMENTO DA SOCIEDADE

A importância da família

A família é o *fundamento indispensável da sociedade* de todos os povos e um bem insubstituível para os filhos, dignos de nascer para a vida como fruto do amor e da doação total e generosa dos pais. A família ocupa um lugar primário na educação e no crescimento harmonioso da pessoa humana. É uma *verdadeira escola de humanidade* e valores perenes.

Ninguém deu o ser a si mesmo. Recebemos a vida de outros, vida que cresce e amadurece com as verdades e os valores que aprendemos na relação e comunhão com os outros. Neste sentido, a família, fundada no matrimónio indissolúvel entre um homem e uma mulher, expressa esta dimensão relacional, filial e comunitária e é ambiente próprio, onde a pessoa humana pode nascer com dignidade e *desenvolver-se de uma maneira integral*.

Aquele que nasceu e cresceu num ambiente familiar são, tem todas as garantias de vir a ser um cidadão útil à sociedade, já que a família está na raiz mesma de uma vida digna e realizada. Por isso, se a família, como *célula básica da sociedade*, se debilita, toda a sociedade fica mais fraca. E a família debilitar-se-á quando não tem estabilidade nas suas relações afectivas. Neste caso, não só não será capaz de dar uma educação baseada nos valores humanos e evangélicos,

como não poderá ajudar a sociedade.

A família é o lugar onde se aprende a viver o amor incondicional, imagem do amor de Deus. Por isso, ela constitui um desafio difícil mas, ao mesmo tempo, aliciente, que faz dela um lugar de excelência de aprendizagem e preparação para a vida.

Sobre esta importância da família, afirma o Concílio Vaticano II «*A família é a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade*» (*Gravissimum educationis*, 3).

A crise da família

Em todos os tempos houve crises nas famílias, mas a que actualmente atravessa é certamente das mais graves dos últimos tempos. Com efeito, constatamos, particularmente na cultura ocidental, uma crise de identidade da família. A que é que, hoje em dia, podemos chamar «família»?

Além do «modelo tradicional», existem famílias monoparentais (viver só com o pai ou a mãe), famílias fruto de «uniões de facto» (infelizmente tão comuns), viver com a mãe e segundo marido, etc. Hoje em dia até se pode ter pais homossexuais. O baixo nível de natalidade, que se verifica em tantos países ocidentais, é outro indicador da falta de confiança na vida, na sociedade e na família. Por isso nos interrogamos: Qual o papel do pai e da mãe? Que educação se

deve dar às crianças? Como definir, hoje, a família? Para a maioria das pessoas, baseia-se na relação entre um homem e uma mulher, mas há quem defenda outros modelos, como acabamos de referir.

Sobre esta crise, declarou o Papa Bento XVI, no Encontro Mundial das Famílias, na cidade do México, em Janeiro de 2009: «*O trabalho educativo da família vê-se dificultado por um enganado conceito de liberdade, no qual o capricho e os impulsos subjectivos do indivíduo se exaltam até se deixar cada um encerrado na prisão do seu próprio eu*».

Como superar a crise?

O mais importante para superar a crise que a família atravessa consiste em ter bem claro o *papel da família*. Sobre este papel, afirmou o Papa actual, na *Assembleia do Pontifício Conselho da Família*, em 13 de Maio de 2006: «A família, fundamentada no matrimónio, constitui um “património da humanidade”, uma instituição social fundamental; *é a célula vital e o pilar da sociedade*, e isto diz respeito a todos os crentes e não-crentes. Trata-se de uma realidade que todos os Estados devem ter na máxima consideração porque, como João Paulo II gostava de reiterar, “o futuro da humanidade passa pela família” (*Familiaris consortio*, 86).

É necessário que se promovam, nos Estados, medidas legislativas e administrativas que apoiem as famílias nos seus direitos inalienáveis, necessários para realizar a *extraordinária missão da família*.



Pede-se às famílias cristãs que dêem o exemplo que se lhes pede, tanto no amor mútuo de homem e mulher, como no amor aos filhos e na educação dos mesmos, a fim de serem membros úteis da sociedade. Este testemunho é necessário hoje mais do que nunca, dados os problemas com que a família se debate.

Oremos intensamente este mês, juntamente com o Papa, por este problema tão delicado e fundamental. Perguntemo-nos o que já fazemos e o que podemos ainda fazer para apoiar a família. Invoquemos a inspiração da Sagrada Família de Nazaré, que representa o modelo familiar de simplicidade, trabalho, unidade... onde Deus Se sente em sua casa. ☪

In “Mensageiro do Coração de Jesus”

AS TENTAÇÕES DE JESUS



Pelo Espírito, Jesus foi conduzido ao deserto. Não é um deserto de areia mas um lugar com muitas pedras e pouca manifestação de vida. É aí que Jesus vai fazer o seu “retiro” de preparação para se apresentar em público como o Messias.

Mas, apesar de ser o Ungido, o Messias, Jesus vai descer e assumir a condição humana e, portanto, tendo sempre em conta os seus objectivos, experimenta o drama da tentação. A tentação é a possibilidade real de uma escolha, a do caminho mais fácil para resolver um problema. É o demónio a agir. E qual é a intenção do demónio? Convencer o homem a ser auto-suficiente, afastando-o do caminho de Deus, seduzindo-o pelo que é mais fácil, mais agradável, mais eficiente e materialmente mais seguro. O demónio é o espírito que não suporta que a pessoa obedeça

à vontade de Deus e viva em comunhão com Deus. O demónio tenta sempre convencer a pessoa do seu valor, dos seus direitos e possibilidades e, portanto, da construção de um mundo sem a presença de Deus. Ora, vencendo as tentações, Jesus afirma que Deus é o Bem e a fonte do Bem inegociável.

Ao descer à condição de ser tentado, Jesus identifica-se com cada homem colocando-se ao seu lado para o libertar. Jesus rejeitou comportar-se como um “todo poderoso”, um super homem, um espectacular, um habilidoso, um carenciado de fama social. Comportou-se como um Homem que não se descentra da vontade de Deus, “a vontade do Pai”. E a “vontade do Pai” é que o mundo seja salvo. ☕

“In Boletim Paroquial de Benfica”

MAIS E MELHORES VOLUNTÁRIOS PARA PORTUGAL

A Presidente do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado, Elza Chambel, espera que 2011 seja um ano em que haja “mais e melhores voluntários” em Portugal. No arranque do Ano Europeu do Voluntariado (AEV), esta responsável referiu à ECCLESIA esperar que “todos os dias haja uma pessoa contagiada” por esta dinâmica.

Elza Chambel, da coordenação nacional do AEV, sublinha que o voluntariado “não tira postos de trabalho”, mas “complementa” os mesmos, por ser “gratuito, afectivo, competente e qualificado”. Esta é, talvez, a forma mais organizada de participação na cidadania”, acrescenta.

Fernanda Freitas, Presidente do AEV, considera que o ambiente de crise e dificuldades económicas pode vir a ser um “estímulo” para as acções voluntárias. “O voluntariado pode e deve ser encarado como solução”, refere, frisando que “muitas vezes é não ter ninguém com quem falar”.

Margarida Marques, chefe da representação da Comissão Europeia em

Portugal, lembra que “o objectivo dos anos europeus é promover o debate em torno de uma problemática”.

Quanto ao voluntariado, tema escolhido para 2011, esta responsável diz que há “vários aspectos que a Comissão Europeia está interessada em discutir”, a começar pela necessidade de “mobilizar as pessoas”. “O objectivo é aumentar a participação”, assinala.

Para Margarida Marques, o voluntariado pode beneficiar, por exemplo, “jovens à procura do primeiro emprego”, que muitas vezes não têm qualquer experiência profissional. “O facto de terem participado numa acção de voluntariado, na prática, terem feito um trabalho profissional, leva a que possam apresentar isso como integrando as suas competências”, precisa.

No Tratado de Lisboa, prevê-se a criação de “um serviço voluntário europeu para a ajuda humanitária”, lembra esta responsável, desejando que o mesmo congregue “pessoas efectivamente formadas” para o trabalho em situações de catástrofe.

Susana Queiroga, do Instituto de São João de Deus, que integra a presidência da Confederação Portuguesa do Voluntariado, espera que o AEV possa dar “visibilidade às diversas formas de voluntariado que se fazem em Portugal”. “Nem toda a gente está desperta para esta área”, alerta, destacando a importância de fazer passar esta mensagem junto das novas gerações.

No mesmo sentido se pronuncia Fernanda Freitas, para quem “as escolas podem perfeitamente ser uma alavanca para que todos sejam voluntários”.


Volunteerbook

O Voluntariado ganha também maior visibilidade com o lançamento do “Volunteerbook”, uma ferramenta informática que vai pôr à disposição das pessoas um vasto leque de oportunidades, simplificando o acesso às instituições que precisam de ajuda. “É uma plataforma que opera nas redes sociais e que dá visibilidade a acções de voluntariado organizadas por instituições mas também a exemplos de voluntaria-

do que existem, muito numerosos, na sociedade portuguesa, em todas as áreas” explica Isabel Jonet, Presidente do Banco Alimentar contra a Fome, em declarações à agência ECCLESIA.

Para além do apoio do Banco Alimentar contra a Fome, esta nova plataforma conta ainda com a supervisão da Entreatajuda, uma instituição particular de solidariedade social que apoia outras organizações, ajudando-as a melhorarem o seu desempenho, no auxílio aos mais necessitados.

Esta ferramenta, como o nome indica, vai correr directamente na rede social Facebook - cada potencial voluntário terá a possibilidade de se inscrever nas ofertas que melhor se adaptem às suas capacidades, à sua formação pessoal ou profissional, e tendo em conta a localização geográfica em que se insere.

Por outro lado, as instituições terão no Volunteerbook um parceiro privilegiado, na publicitação das suas ofertas, podendo chegar assim a um leque cada vez maior de interessados. 

In “Agência Ecclesia”

PASTOR*

- Para onde vais oh Pastor?
- Vou à procura da minha ovelha.
- Que aconteceu à tua ovelha?
- A minha ovelha aproveitou a calada da noite e fugiu de mim e do meu rebanho.
- E para onde fugiu?
- Não sei. Talvez para muito longe.
- Até onde?
- Até se cansar, cair e não poder mais caminhar.
- E onde vais procurá-la?
- Nas ribanceiras, entre as pedras, nos ribeiros, entre as rochas duras do calhau, entre as bardeiras de silvados e em todos os lugares perigosos. A minha ovelha gosta de lugares perigosos e gosta muito de enfrentar lobos selvagens e perigosos de onde sai sempre ferida e humilhada. Ela gosta de brincar com os lobos mas os lobos não gostam dela. Só gostam de a usar e feri-la. Talvez vou encontrá-la sozinha, a sangrar e gemendo de frio.
- E que vais fazer quando a encontrares?
- Vou-me aproximar devagarinho para que ela não se assuste. Vou chamá-la pelo nome. Vou tomá-la nos meus braços. Vou trazê-la para o redil. Vou-lhe curar as feridas. Vou aquecê-la com o calor

dos meus braços e do meu coração e com o calor das outras ovelhas que sentem muito a falta dela. Vou matar-lhe a fome. Vou procurar que ela descanse. Sei que ela vai estar muito cansada e doente. Vou acariciá-la para que ela se sinta querida e perdoada. Vou alimentá-la até que ela se sinta saudável e robusta. Se ela me disser que está arrependida eu vou acreditar e vou chorar com ela.

– E depois? Que vai acontecer depois?

– Não sei. Talvez vá de novo, aproveitar a calada da noite, e fugir outra vez. Ela gosta tanto de arriscar. Mas ela é a minha ovelha.

– E se ela fugir de novo que vais fazer?

– De novo vou procurá-la pelas areias desertas, pelas ribanceiras perigosas, pelos silvados, onde haja muitos espinhos. Parece que ela se sente bem em ser ferida. Mas isso causa-lhe tanta dor especialmente quando os lobos a atacam com dentes e garras ferozes. E isso causa-me também a mim tanta dor... Os lobos não gostam dela mas ela gosta dos lobos e por isso não se cansa de arriscar. Sempre sonhando com um mundo lindo criado especialmente para ela onde os lobos e as ovelhas possam ser

felizes, comer da mesma comida e viver em paz.

– E que vais fazer quando a encontrares?

– Vou aproximar-me devagarinho para não a assustar. Sei que ela vai estar com muito frio e com muito medo. Ela mostra-se tão forte mas... é tão frágil e tão débil que tudo a assusta. - E depois?

– Mesmo com as lágrimas nos olhos e um nó na garganta, vou sorrir para ela e, muito baixinho, para não a assustar, vou chamá-la pelo nome. Vou acariciá-la, vou tomá-la nos meus braços e vou conduzi-la de novo ao redil. Vou-lhe curar as feridas. Vou aquecê-la e em seguida vou deitar-me ao lado dela para que se sinta aconchegada e perdoada de novo.

– Mas ... tens a certeza que ela não vai fugir outra vez?

– Não. Não tenho a certeza que ela não vá fugir outra vez. É que a minha ovelha pode cansar-se de mim, mas eu nunca me vou cansar da minha ovelha. Ela pode viver sem mim mas eu não posso viver sem a minha ovelha. Eu preocupo-me mais e choro mais pela minha ovelha rebelde e perdida do que pelas noventa e nove que me permanecem fiéis e abrigadas no redil. (Lc. 15)

Autores:

Carla Rodrigues, Dr.^a Maria Ivone Andrade, Cristina Alves e Pe. Bernardino Andrade do grupo «Gente Ajudando Gente», inspirados em Jesus, no Evangelho de S. Lucas Cap. 6, 20-38 e Cap. 15. Inspirados também numa experiência, dramaticamente vivida por este grupo, nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 2010. Dedicado a todos aqueles que não se cansam de procurar, de abraçar, de acolher e que não têm medo de arriscar a ser abusados e manipulados. À mulher apanhada em adultério Jesus disse: «Também eu não te condeno. Vai e não tornes a pecar». Se a trouxessem mais uma vez ou mais 100 vezes, Jesus iria dizer o mesmo. E continuaria a repetir: Quem está inocente que lhe atire a primeira pedra, João 8, 3-11. Havia um homem chamado Zaqueu. Todos o chamavam filho da p... Jesus, para restaurar a sua dignidade perdida, chamou-o «Filho de Abraão» (Lc. 19, 9). Aos rejeitados, aos excluídos, aos sem abrigo, aos pobres, aos que não prestam, Jesus será sempre o primeiro a atirar a «primeira flor». ➡

Madeira 7 de Outubro de 2010, Festa de Nossa Senhora do Rosário

* Reflexão feita no Dia Vicentino do Conselho Central do Funchal

Conselho Central do Funchal

Dia Vicentino na Madeira realçou serviço aos carenciados

O Conselho Central do Funchal da Sociedade de São Vicente de Paulo organizou o Dia Vicentino, que decorreu na Escola da Apel, no primeiro Domingo da Quaresma, 13 de Março, com a participação de quase todos os elementos que integram as 40 Conferências Vicentinas existentes na Madeira e Porto Santo.

O encontro que se realiza há já muitos anos sempre naquela data, teve



este ano como orador o Pe. Dr. Marcos Pinto, pároco da Nazaré, Funchal, que abordou o tema “A utopia da solidariedade – ensaio sobre a Solidariedade Divina e co-humana para os cristãos de hoje” apresentando várias pistas de reflexão para o serviço à caridade. Um dos factos relevantes deste Dia foi a visita do Bispo do Funchal aos Vicentinos. Em nome da Diocese, D. António Carrilho entregou um cheque de cinco mil euros a Diamantino Santos, o Presidente do Conselho Central do Funchal. «Esta é uma oferta de

muita gente da nossa Diocese que foi partilhando os seus donativos durante a campanha do Advento a favor do Fundo Social Diocesano, criado em 2008», explicou o Bispo do Funchal.

O prelado funchalense agradeceu o trabalho e dedicação generosa dos Vicentinos madeirenses e mostrou o seu reconhecimento e gratidão às Conferências de S. Vicente de Paulo tendo manifestado o desejo de que «progridam sempre mais». «Estamos numa hora em que a vossa presença é indispensável. Como em todos os tempos, também a realidade actual exige muita proximidade, de apoio material e espiritual», acrescentou.



Este Dia Vicentino teve a participação do Presidente do Conselho Nacional da Sociedade de São Vicente de Paulo. Durante aquele evento, António Correia Saraiva teve oportunidade de dialogar com os Vicentinos madeirenses e de se inteirar do trabalho que desenvolvem. Nos

testemunhos que deram no decorrer deste Dia Vicentino demonstraram que o serviço à caridade continua a ser bem vivido por um elevado número de homens e mulheres dos mais díspares lugares desta Região.




Falando à assembleia Vicentina, aquele dirigente manifestou a sua emoção no que se refere aos testemunhos apresentados sublinhando que “este Dia Vicentino foi o melhor meio de iniciarmos a Quaresma e faz-nos ter ainda maior vontade de nos dedicarmos a seguir a Cristo, fazendo-o no acolhimento aos que mais necessitam”. Realçando e agradecendo o modo afável com que foi recebido na Madeira, António Correia Saraiva disse que “vou daqui com mais força para continuar ao serviço dos Vicentinos”, acentuando que ficara surpreendido com a força que os Vicentinos têm na Madeira e Porto Santo bem patente no considerável número de pessoas das mais diversas idades que participou naquele Dia.

Também o Presidente do Conselho Central do Funchal da SSVP agradeceu a presença de todos e de um modo especial do Presidente Nacio-

nal, salientando que há cada vez mais pessoas a aderirem a este movimento, tendo sido fundadas este ano quatro Conferências. “Um sinal de que as pessoas estão mais despertadas para ajudar os outros e que vem responder ao aumento de solicitações, devido à crise em que o país está mergulhado. Hoje em dia, afirmou, nem sempre é fácil chegar a todos. “Há muito mais trabalho a fazer e às vezes sentimo-nos impotentes”, disse Diamantino Santos

O Dia Vicentino conclui-se com a celebração da Eucaristia, presidida pelo Pe. Gil Pereira, assistente espiritual dos Vicentinos madeirenses e concelebrada pelos Pe. Héctor Figueira e Pe. João Carlos Gomes, párocos dos Álamos e Livramento, paróquias que têm Conferências de São Vicente de Paulo.



O grupo de jovens da paróquia do Livramento (nos arredores da cidade do Funchal) animou liturgicamente esta concelebração. Durante esta cerimónia, cinco Vicentinas e diversas paróquias madeirenses fizeram o compromisso Vicentino. 

Sílvio Mendes